

HENRI BERGSON (1859-1941)



A sociedade não poder subsistir se não subordina o indivíduo, nem poder progredir se o não deixa actuar

Professor da Escola Normal Superior, desde 1897, e do Collège de France, de 1900 a 1914, depois de leccionar nos liceus. Passa para vida diplomática, de 1912 a 1918. Prémio Nobel da literatura em 1927.

♦É o fundador do movimento do vitalismo ou filosofia da vida, também conhecido por intuicionismo. Adota uma clara posição contra o materialismo mecanicista e o determinismo teleológico, dado que enquanto para o primeiro o organismo é uma máquina determinada por leis calculáveis, já para o segundo existe um plano acabado do mundo.

♦Pelo contrário, Bergson considera que o órgão vivo é a expressão complexa de uma função viva de um *élan* vital. Entre plantas e animais existe a diferença dos primeiros terem consciência; entre os animais, se uns se determinam pelo instinto, já o homem é inteligência mais intuição. Intuição ou instinto reflectindo sobre si mesmo, o domínio da vida e da consciência que dura.

♦Introduz no processo a temporalidade, *la pensée* mais *le mouvant*, a inteligência mais a intuição. Assume-se, deste modo, contra o materialismo mecanicista e contra o determinismo teleológico. Contra o primeiro, nega que o mundo seja uma máquina determinada por leis calculáveis; contra o segundo, recusa a existência de um plano acabado do mundo.

♦Porque o real não é estável, mas puro *devenir*. Assim, só a intuição, como *simpatia devinatória* pode conduzir-nos ao interior de cada objecto, procurando nele o que há de único, para descobrir-se a explicação universal das coisas. Se o conhecimento simbólico vai do fixo ao movente, por meio de conceitos pré-existentes, só o conhecimento intuitivo se instala no movente e adopta a própria vida das coisas, através da actividade vital.

♦Neste sentido, defende a liberdade como temporalidade e o tempo como forma de projecção do futuro sobre o passado. E é sobre estas bases vitalistas que o existencialismo consagra a subjectividade como temporalidade

♦Para Bergson "um objecto que existe é um objecto que se percebe ou se pode perceber, o qual, por isso, nos é dado numa experiência real ou possível". Considera, além disso, que o real não é o ser estável, mas o puro devir, onde a intuição, essa "simpatia devinatória", "essa espécie de simpatia intelectual que nos transporta ao interior do objecto para coincidir com o que há de único e, por conseguinte, de inexprimível nele", descobre a explicação universal das coisas. Só a actividade vital, isto é, o devir, o tempo, a vida, a consciência, é que é a única realidade. Se o conhecimento simbólico por meio de conceitos preexistentes, que vai do fixo ao movente, é relativo; já o conhecimento intuitivo instala-se no movente e adopta a própria vida das coisas. Neste sentido, Bergson reconhece que a política precisa de um "suplemento de alma" face ao desenvolvimento mecanicista e tecnicista da sociedade moderna que tornou a alma muito pequena. E encontra-o no *bon sens*, considerado como "um acordo íntimo entre as exigências do pensamento e da acção", algo de semelhante à *recta ratio* dos estóicos e à *reasonableness* de Locke.

- Essai sur les Données Immediates de la Conscience*, Paris, 1889. Dissertação de doutoramento (Paris, PUF, 1939).
- Matière et Mémoire*, 1896. (Paris, PUF, 1945).
- L'Évolution Créatrice*, 1907. (Paris, PUF, 1945).
- L'Énergie Spirituelle*, 1919.
- Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*, 1932. (Paris, PUF; 1945).
- La Pensée et le Mouvant*, Paris, 1933.

➤ 1932 *Deux (Les) Sources de la Morale et de la Religion*

📖 Maltez (ESPE, 1991), I, pp. 182 ss.; Maritain, Jacques, *De Bergson à Thomas d'Aquin. Essais de Métaphysique et de Morale*, Paris, Éditions Hartmann, 194; Martins, Diamantino, «Henri Bergson», in *Logos*, 1, cols. 668-672. ; Russell, Bertrand, *A History of Western Philosophy*, 1945 (Nova York, Simon & Schuster, 1972), pp. 791 segs..